

OS CINCO CAMINHOS  
PARA O PERDÃO

URSULA K.  
LE GUIN



# Os Cinco Caminhos para o Perdão

Copyright © 2026 MORRO BRANCO

MORRO BRANCO é uma editora do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2017 URSULA K. LE GUIN

ISBN: 978-65-6099-091-3

*Translated from original Five Ways To Forgiveness. Copyright © 2017 by Ursula K. Le Guin. The moral rights of the author have been asserted. ISBN 9781454955177. This translation is published and sold by arrangement with Tassy Barham Associates and Ginger Clark Literary, LLC., the owner of all rights to publish and sell the same. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.*

Impresso no Brasil — 1ª Edição, 2026 — Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L567e

Le Guin, Ursula K.:

Os Cinco Caminhos Para o Perdão / Ursula K. Le Guin; tradução de Marcia Men. — 1.ed. — Rio de Janeiro : Morro Branco, 2026.

368 p.; il.; 13,7 x 21 cm.

ISBN 978-65-6099-091-3

1. Ficção Científica. 2. Conflitos sociais. 3. Liberdade.  
I. Título. II. Men, Marcia.

CDD 813

## Índice para catálogo sistemático

1. Ficção norte-americana (813)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

**Produção Editorial:** Grupo Editorial Alta Books  
**Diretor Editorial:** Anderson Vieira  
**Vendas Governamentais:** Cristiane Mutús  
**Coordenadora Editorial:** Illysabelle Trajana  
**Produtora Editorial:** Beatriz de Assis & Luana Maura

**Tradução:** Marcia Men  
**Copidesque:** Nathalia Marques  
**Revisão:** Ellen Andrade  
**Diagramação:** Natalia Curupana  
**Ilustração:** Amanda Carla



Rua Viúva Cláudio, 291 — Bairro Industrial do Jacaré  
CEP: 20.970-031 — Rio de Janeiro (RJ)  
Tels.: (21) 3278-8069 / 3278-8419  
[www.altabooks.com.br](http://www.altabooks.com.br) — [altabooks@altabooks.com.br](mailto:altabooks@altabooks.com.br)  
Ouvidoria: [ouvidoria@altabooks.com.br](mailto:ouvidoria@altabooks.com.br)



Editora  
afiliada à:



OS CINCO CAMINHOS  
PARA O PERDÃO

# URSULA K. LE GUIN

Coleção  
Ciclo Hainish

Tradução  
Marcia Men



MORROBRANCO  
EDITORA



# Sumário

|                                  |     |
|----------------------------------|-----|
| 1. Traições                      | 1   |
| 2. Dia do Perdão                 | 45  |
| 3. Um Homem do Povo              | 119 |
| 4. A Libertação de uma Mulher    | 187 |
| 5. Música Antiga e a Escravizada | 269 |
| Notas sobre Werel e Yeowe        | 338 |



# Traições

“No planeta O não há guerra há cinco mil anos”, leu ela, “e em Gethen nunca houve guerra.” Parou para descansar os olhos, e também porque tentava se treinar a ler devagar, sem devorar as palavras como Tikuli devorava a comida. “Nunca houve guerra”: em sua mente essas palavras se fixaram, nítidas e luminosas, envoltas por uma incredulidade infinita, escura e macia na qual afundavam. Como seria esse mundo, um mundo sem guerra? Seria o mundo real. A paz era a vida verdadeira, a vida de trabalho e aprendizado e de criar filhos para que trabalhassem e aprendessem. A guerra, que devorava o trabalho, o aprendizado e as crianças, era a negação da realidade. Mas meu povo, pensou, só sabe negar. Nascidos na sombra escura do poder corrompido, colocamos a paz fora do nosso mundo, como uma luz guia inalcançável. Tudo o que sabemos fazer é lutar. Qualquer paz que um de nós consiga construir em vida não passa de uma negação da guerra em curso, uma sombra da sombra, uma descrença em dobro.

E assim, enquanto as sombras das nuvens corriam sobre os brejos e sobre a página do livro aberto em seu colo, ela suspirou e fechou os olhos, pensando: *Sou uma mentirosa*. Então abriu os olhos e leu mais sobre os outros mundos, as realidades distantes.

Tikuli, dormindo enroscado em volta do rabo no sol fraco, suspirou como se a imitasse e coçou uma pulga no sonho. Gubu estava entre os juncos, caçando; ela não podia vê-lo, mas de

vez em quando a haste de um junco tremia, e certa vez uma galinha-do-brejo voou aos berros, indignada.

Absorta na leitura de uma descrição sobre os costumes sociais peculiares dos Ithsh, ela só viu Wada quando ele já estava no portão, entrando.

— Ah, você já chegou — disse, surpresa, sentindo-se despreparada, inadequada, velha, como sempre se sentia na presença de outras pessoas. Sozinha, só se sentia velha quando estava exausta ou doente. Talvez viver sozinha fosse mesmo o melhor para ela. — Entre — continuou ela, levantando-se, deixando o livro cair, pegando-o de volta e levando a mão ao cabelo, onde o coque estava se desfazendo. — Só vou pegar minha sacola e já vou.

— Sem pressa — disse o rapaz, com a voz suave. — Eyid ainda vai demorar um pouco.

Muito gentil da sua parte me avisar que não preciso de pressa pra sair da minha própria casa, pensou Yoss, mas não disse nada, obediente àquela insuportável e adorável falta de noção dos jovens. Entrou, pegou sua sacola de compras, refez o coque no cabelo, amarrou um lenço por cima e voltou à pequena varanda aberta. Wada estava sentado na cadeira dela; levantou-se em um pulo ao vê-la sair. Era um rapaz tímido, o mais gentil entre os dois apaixonados, era o que ela achava.

— Divirtam-se — disse ela com um sorriso, sabendo que o deixava envergonhado. — Volto daqui a algumas horas... antes do pôr do sol.

Desceu até o portão, saiu e seguiu pelo mesmo caminho por onde Wada viera, subindo a trilha que levava à sinuosa passarela de madeira sobre os pântanos até a vila.

Ela não cruzaria com Eyid no caminho. A garota viria do norte por uma das trilhas do pântano, tendo saído da vila em outro horário e por outra direção que não a de Wada, de modo que ninguém percebesse que, uma vez por semana ou algo assim, os dois jovens sumiam ao mesmo tempo por

algumas horas. Estavam perdidamente apaixonados, havia três anos que se amavam, e já viveriam juntos há muito tempo se o pai de Wada e o tio de Eyid não tivessem brigado por causa de um terreno redistribuído pela Corporação e, com isso, instaurado uma rixa entre as famílias que, embora ainda não tivesse chegado ao derramamento de sangue, tornava impossível qualquer união entre os dois. A terra era valiosa; as famílias, embora pobres, aspiravam a liderança da vila. Nada conseguiria curar o rancor. A vila inteira havia tomado partido. Eyid e Wada não tinham para onde ir, nem habilidades que lhes garantissem a sobrevivência nas cidades, nem parentes em outra vila que pudessem acolhê-los. A paixão deles estava presa ao ódio dos mais velhos. Fazia um ano que Yoss os pegara no flagra, abraçados no chão frio de uma ilha no pântano, topando com eles como, certa vez, topara com dois filhotes de fena, imóveis no ninho de capim onde a mãe os deixara. Aquele par estava tão assustado, tão belo e vulnerável quanto os filhotes. E haviam lhe implorado, com tanta humildade, “para não contar a ninguém”... o que ela poderia fazer? Estavam tremendo de frio, as pernas de Eyid cobertas de lama, agarrados um ao outro como crianças.

— Venham para minha casa — disse ela, com severidade. — Misericórdia!

Virou-se e saiu andando. Hesitantes, os dois a seguiram.

— Volto daqui a mais ou menos uma hora — avisou ela, depois de acomodá-los em sua casa, no cômodo único com o leito enfiado ao lado da chaminé. — Não enlameiem tudo!

Naquela vez, ela percorreu as trilhas, de guarda, caso alguém estivesse à procura deles. Hoje em dia, na maior parte das vezes, ela ia até a vila enquanto “os filhotes” estavam em sua casa, desfrutando da sua doce hora.

Eles eram ignorantes demais para pensar em algum modo de agradecê-la. Wada, que cortava turfa, talvez até pudesse ter fornecido lenha sem levantar suspeitas, mas nunca deixavam sequer uma flor, embora sempre arrumassem a cama com todo

capricho, bem esticada. Talvez nem fossem tão gratos assim. E por que deveriam ser? Ela só dava a eles o que lhes era de direito: uma cama, uma hora de prazer, um instante de paz. Não era culpa deles, nem virtude dela, o fato de que ninguém mais estivesse disposto a lhes dar isso.

Sua tarefa, naquele dia, a levou até a loja do tio de Eyid. Ele era o vendedor de doces da vila. Toda aquela abstinência sagrada que ela havia planejado quando viera para cá, dois anos atrás, a tigela única de grãos sem tempero, o gole de água pura, ela havia abandonado em pouco tempo. A dieta de cereais lhe dava diarreia, e a água dos pântanos era intragável. Comia todos os vegetais frescos que podia comprar ou cultivar, bebia vinho ou água engarrafada ou suco de fruta da cidade e mantinha um bom estoque de doces, frutas secas, passas, açúcar caramelizado, até os bolos feitos pela mãe e pelas tias de Eyid: discos gordurosos e ressecados, com uma noz espremida em cima, secos, oleosos, sem gosto, mas curiosamente satisfatórios. Comprou um saco cheio deles e um disco marrom de açúcar caramelizado e ficou jogando conversa fora com as tias, mulheres pequenas, de pele escura e olhos vivos, que haviam estado no velório do velho Uad na noite anterior e queriam comentar sobre o assunto. “Aquela gente” — a família de Wada, indicada com um olhar, um encolher de ombros, um meio sorriso de desprezo — se comportara mal como sempre: tinha se embriagado, arrumado briga, se gabado, passado mal e vomitado por todo lado, eram todos uns grosseirões gananciosos e metidos a besta.

Quando passou na banca de jornal para pegar um exemplar (mais uma promessa quebrada há muito tempo; tinha jurado que leria apenas o *Arkamye* e o aprenderia de cor), encontrou a mãe de Wada ali, e ouviu como “aquela gente”, a família de Eyid, é que tinha se gabado, brigado e vomitado por todo lado no velório da noite anterior. Mas ela não apenas ouviu; pediu detalhes, incentivou a fofoca, saboreou cada história.

Que tola, pensou ela, voltando lentamente para casa pela trilha da passarela, que tola fui ao imaginar que um dia poderia viver de água e silêncio! Nunca, nunca vou conseguir abrir mão de nada, nada! Nunca serei livre, nunca serei digna da liberdade. Nem a velhice consegue me fazer abrir mão. Nem perder Safnan conseguiu.

*Diante dos Cinco Exércitos eles estavam. Erguendo sua espada, Enar disse a Kamyé: Minhas mãos seguram tua morte, meu Senhor! Kamyé respondeu: Irmão, é tua morte que elas seguram.*

Aquelas falas ela conhecia, pelo menos. Todo mundo conhecia. E então Enar soltava a espada, porque era um herói e um homem santo, o irmão mais novo do Senhor. Mas eu não consigo soltar minha morte. Vou segurá-la até o fim, vou cultivá-la, odiá-la, comê-la, bebê-la, ouvi-la, dar a ela minha cama, chorá-la — tudo, menos abrir mão dela.

Ela ergueu os olhos, saindo de seus pensamentos, para a tarde sobre os pântanos: o céu, de um azul enevoado e sem nuvens, refletido num canal curvo de água ao longe, e a luz dourada do sol sobre os tons pardos das áreas cobertas de junco, brilhando por entre os caules. Soprava o raro e suave vento do oeste. Um dia perfeito. A beleza do mundo, a beleza do mundo! Uma espada em minha mão, voltada contra mim. Por que crias a beleza para nos destruir, meu Senhor?

Seguiu em frente, apertando o lenço na cabeça com um puxão insatisfeito. Daquele jeito, logo vagaria pelos pântanos gritando sozinha como Abberkam.

E lá estava ele, o pensamento o havia invocado: cambaleando do jeito cego de sempre, como se não enxergasse nada além dos próprios pensamentos, golpeando o chão da passarela com seu grande bastão como se matasse uma cobra. O cabelo comprido e grisalho esvoaçando-se em torno do rosto. Não estava gritando, ele só gritava à noite, e fazia tempo que não o fazia, mas falava, ela viu os lábios se moverem; então ele a viu,

e calou-se, recolhendo-se para dentro de si como um animal selvagem, desconfiado. Aproximaram-se um do outro na trilha estreita sem mais nenhum ser humano à vista, em toda aquela vastidão de juncos, lama, água e vento.

— Boa tarde, Chefe Abberkam — disse Yoss, quando estavam a poucos passos de distância.

Que homem imenso ele era; ela nunca acreditava no tamanho dele até vê-lo de novo: alto, largo, pesado. A pele escura ainda lisa como a de um jovem, mas a cabeça curvada e o cabelo grisalho e revoltado. Um grande nariz adunco e os olhos desconfiados, perdidos. Ele murmurou algum cumprimento, mal diminuindo o passo.

Mas Yoss estava tomada de um espírito travesso naquele dia; cansara de seus próprios pensamentos, tristezas e insuficiências. Parou no meio da trilha, para que ele também tivesse que parar ou dar de cara com ela, e perguntou:

— Você foi ao velório ontem à noite?

Ele a fitou de cima; ela teve a impressão de que ele estava tentando trazê-la ao foco, ou parte dela, pelo menos.

— Velório? — perguntou ele finalmente.

— Enterraram o velho Uad ontem à noite. Todos os homens se embriagaram, e foi um milagre a rixa entre as famílias não estourar de vez.

— Rixa? — repetiu ele com aquela voz profunda.

Talvez ele já não fosse mais capaz de focar nada, mas ela estava determinada a falar com ele, a alcançar alguma coisa nele.

— Os Dewi e os Kamanner. Estão brigando por aquela ilha cultivável logo ao norte da aldeia. E os dois pobres jovens querem se juntar, mas os pais ameaçam matar os dois se ousarem se olhar. Que idiotice! Por que não dividem logo a ilha, deixam os jovens se juntar, e que os filhos deles herdem a terra em comum? Qualquer dia isso vai acabar em sangue, eu acho.

— Em sangue — repetiu o Chefe, mais uma vez, como um idiota. E então devagar, com aquela voz enorme, profunda, a

mesma voz que ela já ouvira, em noites de insônia, gritando de dor pelos pântanos, ele disse: — Esses homens. Esses lojistas. Têm alma de proprietário. Não matam. Mas não dividem. Se for terra, não abrem mão. Nunca.

Ela viu de novo, na memória, a espada erguida.

— Ah — disse ela, estremecendo. — Então os jovens têm que esperar... até que os velhos morram...

— Tarde demais — falou ele.

Os olhos dele encontraram os dela por um instante apenas, intensos, estranhos. Depois ele empurrou o cabelo para trás com impaciência, resmungou algo em despedida e partiu tão abruptamente que ela quase teve que se encolher para sair do caminho. É assim que um chefe caminha, pensou ela, com um sorriso irônico, enquanto retoma o próprio passo. Grande, largo, ocupando espaço, pisando na terra com força. E assim, assim é como uma velha caminha: encolhida, encolhida.

Ouviu um som estranho atrás de si — tiros, pensou, pois os costumes da cidade permanecem à flor da pele — e se virou bruscamente. Abberkam havia parado e estava tossindo de forma explosiva, violenta, com o corpo todo curvado em convulsões que quase o derrubavam. Yoss conhecia aquele tipo de tosse. O Ekumen supostamente tinha remédio para isso, mas ela deixara a cidade antes que ele chegasse.

— Isso é sintoma de berlot. Está melhorando ou começando? — perguntou ela, aproximando-se de Abberkam quando o acesso passou e ele ficou de pé.

Ele sacudiu a cabeça.

Ela esperou.

Enquanto esperava, pensou: por que eu me importo se ele está doente ou não? E ele se importa? *Ele veio para cá para morrer.* Ela o ouvira uivar pelos pântanos, na escuridão, no inverno passado. Uivar de dor. Consumido de vergonha, como um homem cujo câncer já o devorou por dentro, mas que não consegue morrer.

— Está tudo bem — disse ele, rouco, irritado, querendo apenas que ela fosse embora; e ela assentiu e seguiu caminho. Que morra. Como ele poderia querer viver, sabendo o que perdera, o poder, a honra, e o que havia feito? Mentiu, traiu seus companheiros, desviou fundos. O político perfeito. Grande Chefe Abberkam, herói da Libertação, líder do Partido Mundial, que destruíra o Partido Mundial por ganância e estupidez.

Ela olhou para trás uma vez. Ele se movia muito devagar, ou talvez tivesse parado; não tinha certeza. Ela seguiu em frente, tomando o caminho da direita na bifurcação da passarela, descendo pela trilha do brejo que levava à sua casinha.

Trezentos anos atrás, aquelas terras pantanosas tinham sido um vasto e rico vale agrícola, um dos primeiros a ser irrigado e cultivado pela Corporação de Fazendas Agrícolas quando trouxeram seus escravizados de Werel para a Colônia de Yeowe. Irrigado demais, cultivado demais; os fertilizantes químicos e os sais da terra se acumularam até que nada mais crescesse, e os Proprietários partiram em busca de lucro em outro lugar. As margens dos canais de irrigação afundaram aqui e ali, e as águas do rio voltaram a vagar livres, espalhando-se em poças e curvas lentas, lavando pouco a pouco a terra envenenada. Os juncos cresceram, quilômetros e quilômetros de juncos, curvando-se levemente sob o vento, sob as sombras das nuvens e as asas das aves de pernas longas. Aqui e ali, sobre uma ilha de solo mais rochoso, restava um ou outro campo, uma antiga aldeia de escravizados, alguns meeiros deixados para trás, gente inútil sobre terra inútil. A liberdade da desolação. E por todos os pântanos havia casas solitárias.

Conforme envelheciam, o povo de Werel e de Yeowe às vezes se voltava para o silêncio, como recomendava sua religião: quando seus filhos já estavam crescidos, quando já haviam cumprido seu papel como chefes de família e cidadãos, quando o corpo enfraquecia e a alma talvez pudesse se fortalecer, então deixavam a vida para trás e iam de mãos vazias para lugares

ermos. Mesmo nas Plantações, os Patrões permitiam que os velhos escravizados partissem para o mato, fossem livres. Aqui no Norte, homens libertos das cidades vinham para os pântanos e viviam como reclusos nas casas solitárias. Agora, desde a Libertação, até mulheres vinham.

Algumas das casas estavam em ruínas, e qualquer crialmas poderia reivindicá-las; a maioria, como a cabana de sapê de Yoss, pertencia a moradores da vila que as mantinham e as cediam a um eremita sem cobrar aluguel, como um dever religioso, uma forma de enriquecer a alma. Yoss gostava de saber que era fonte de lucro espiritual para seu senhorio, um homem avarento cuja conta com a Providência estava provavelmente toda no vermelho. Gostava de se sentir útil. Considerava isso mais um sinal de sua incapacidade de deixar o mundo para trás, como o Senhor Kamyé ordenava. *Você já não é mais útil*, ele lhe dissera de várias maneiras, repetidas vezes, desde que ela completara sessenta anos; mas ela não quis ouvir. Abandonara o mundo ruidoso e fora para os pântanos, mas deixara o mundo continuar tagarelando, fofocando, cantando e chorando aos seus ouvidos. Não queria escutar a voz grave do Senhor.

Eyid e Wada tinham ido embora quando ela chegou em casa; a cama estava arrumada com extremo capricho, e o cão-raposa Tikuli dormia sobre ela, enrolado ao redor do próprio rabo. Gubu, o gato malhado, desfilava pela casa, perguntando pelo jantar. Ela o pegou no colo e acariciou suas costas sedosas e sarapintadas, enquanto ele se enfiava sob sua orelha, emitindo aquele seu constante rom-rom-rom de prazer e afeto; então ela o alimentou.

Tikuli não demonstrou interesse, o que era estranho. Ele andava dormindo demais. Ela se sentou na cama e coçou a base de suas orelhas rígidas, cobertas de pelos vermelhos. Ele despertou, bocejou e olhou para ela com olhos âmbar suaves, a cauda vermelha se agitando como uma pluma.

— Não está com fome? — perguntou ela.

— Comerei para te agradar. — respondeu Tikuli, descendo da cama com certa dificuldade.

— Ah, Tikuli, você está ficando velho — disse Yoss, e a espada se moveu dentro de seu peito.

Sua filha, Safnan, havia lhe dado Tikuli, um filhote vermelho minúsculo, todo patas e rabo emplumado, há quanto tempo? Fazia oito anos. Uma eternidade. Uma vida inteira para um cão-raposa.

Mais do que uma vida inteira para Safnan. Mais do que uma vida inteira para os filhos dela, os netos de Yoss, Enkamma e Uye.

Se estou viva, eles estão mortos, pensou Yoss, como sempre pensava; se eles estão vivos, eu estou morta. Eles partiram na nave que viaja como a luz; foram conduzidos para a luz. Quando voltarem à vida, quando descerem da nave no mundo chamado Hain, terão se passado oitenta anos desde o dia de sua partida, e eu estarei morta, morta há muito tempo; estou morta. Eles me deixaram e eu estou morta. Que estejam vivos, Senhor, doce Senhor, que estejam vivos, eu estarei morta. Vim para cá para estar morta. Por eles. Eu não consigo, não consigo deixar que estejam mortos por minha causa.

O focinho frio de Tikuli tocou sua mão. Ela o fitou atentamente. O âmbar dos olhos dele estava turvo, azulado. Acariciou sua cabeça, coçou a base das orelhas, em silêncio.

Ele comeu alguns bocados para agradá-la e subiu de volta para a cama. Ela preparou seu próprio jantar, sopa e bolinhos de refrigerante requentados, e comeu sem sentir o gosto. Lavou as três louças que usara, alimentou o fogo e sentou-se ao lado tentando ler seu livro devagar, enquanto Tikuli dormia na cama e Gubu se deitava próximo da fornalha, fitando as chamas com os olhos redondos e dourados, soltando um rom-rom-rom bem baixinho. Uma vez ele se ergueu e lançou seu grito de batalha, “Hoooo!” em resposta a algum ruído vindo do brejo, e deu umas voltas pela casa; depois se acomodou novamente, encarando o

fogo e ronronando. Mais tarde, quando o fogo se apagou e a casa ficou mergulhada na escuridão sem estrelas, ele se juntou a Yoss e Tikuli na cama quentinha, onde, mais cedo, os jovens amantes haviam desfrutado de sua breve e intensa alegria.

■

Nos dias seguintes, enquanto cuidava de sua pequena horta, limpando-a para o inverno, ela se pegava pensando em Abberkam. Quando o Chefe chegou à vila, todos ficaram agitados com a novidade de ele morar numa casa que pertencia ao chefe local. Desgraçado, desonrado, ele ainda era um homem muito famoso. Eleito Chefe dos Heyend, uma das principais Tribos de Yeowe, ganhara destaque nos últimos anos da Guerra de Libertação, liderando um grande movimento pelo que chamava de Liberdade Racial. Até alguns dos moradores da vila haviam abraçado o princípio central do Partido Mundial: ninguém deveria viver em Yeowe além de seu próprio povo. Nenhum wereliano, os odiados colonizadores ancestrais, os Patrões e Proprietários. A Guerra havia acabado com a escravidão; e nos últimos anos, os diplomatas do Ekumen haviam negociado o fim do domínio econômico de Werel sobre seu antigo planeta-colônia. Os Patrões e Proprietários, mesmo aqueles cujas famílias viviam em Yeowe há séculos, tinham todos se retirado para Werel, o Velho Mundo, o planeta seguinte depois do sol. Fugiram, e seus soldados foram expulsos depois deles. Eles jamais devem voltar, dizia o Partido Mundial. Nem como comerciantes, nem como visitantes, nunca mais poluiriam o solo e a alma de Yeowe. Nenhum outro estrangeiro também. Nenhuma outra Potência. Os alienígenas do Ekumen haviam ajudado Yeowe a se libertar; agora também deviam partir. Não havia mais lugar para eles ali. “Este é o nosso mundo. Este é o mundo livre. Aqui forjaremos nossas almas à imagem

de Kamyé, o Espadachim”, repetia Abberkam, e essa imagem, a espada curva, era o símbolo do Partido Mundial.

E sangue havia sido derramado. Desde a Revolta em Nadami, trinta anos de combates, rebeliões, represálias, metade da sua vida, e mesmo depois da Libertação, depois que todos os werelianos partiram, a luta continuou. Sempre, sempre os jovens estavam prontos para correr e matar quem quer que os velhos mandassem, uns aos outros, mulheres, velhos, crianças; sempre havia uma guerra a ser travada em nome da Paz, da Liberdade, da Justiça, do Senhor. Tribos recém-libertadas lutavam por terras, os chefes das cidades disputavam poder. Tudo pelo que Yoss havia trabalhado durante sua vida como educadora na capital se desfez não apenas durante a Guerra de Libertação, mas também depois dela, quando a cidade se desintegrou em uma guerra de distritos atrás da outra.

Sendo justa, pensou ela, apesar de brandir a espada de Kamyé, Abberkam, ao liderar o Partido Mundial, tentara evitar a guerra, e em parte conseguira. Sua preferência era conquistar o poder por meio da política e da persuasão, e ele era mestre nisso. Chegara muito perto do sucesso. A espada curva estava em todo lugar, os comícios que aclamavam seus discursos eram imensos. ABBERKAM E LIBERDADE RACIAL!, diziam os enormes cartazes estendidos pelas avenidas da cidade. Ele certamente venceria a primeira eleição livre já realizada em Yeowe, tornando-se Chefe do Conselho Mundial. E então, no começo, nada demais: os rumores. As deserções. O suicídio do filho. As acusações da mãe do filho: devassidão, luxo desmedido. A comprovação de que ele havia desviado grandes somas doadas ao partido para o auxílio de distritos deixados na pobreza após a retirada do capital de Werel. A revelação do plano secreto para assassinar o Emissário do Ekumen e colocar a culpa em seu velho amigo e aliado Demeye... Foi isso que o derrubou. Um chefe podia se dar ao luxo da devassidão sexual, abusar do poder, enriquecer à custa do povo e ainda ser admirado por isso,

mas um chefe que traía um companheiro não era perdoado. Era, pensou Yoss, o código do escravizado.

Multidões de seus próprios apoiadores se voltaram contra ele, atacando a antiga Residência da Administração da CFAY, que ele havia ocupado. Apoiadores do Ekumen se juntaram a forças que ainda eram leais a Abberkam para defendê-lo e restaurar a ordem na capital. Depois de dias de combate nas ruas, centenas de homens mortos em confrontos, milhares mais em tumultos espalhados pelo continente, Abberkam se rendeu. O Ekumen apoiou um governo provisório na declaração de anistia. Seus membros o escoltaram pelas ruas manchadas de sangue e destruídas por bombas em silêncio absoluto. As pessoas observavam. Pessoas que haviam confiado nele, que o haviam reverenciado, que o odiavam, todas assistiram em silêncio enquanto ele passava, escoltado pelos estrangeiros, os Alienígenas que ele tentara expulsar do mundo deles.

Ela tinha lido sobre isso no jornal. Já fazia mais de um ano que vivia nos pântanos. Bem feito pra ele, pensou, e não muito mais que isso. Se o Ekumen era de fato um aliado ou apenas um novo grupo de Proprietários disfarçados, ela não sabia, mas gostava de ver qualquer chefe cair. Patrões werelianos, líderes tribais arrogantes, demagogos falastrões, que todos provassem a lama. Ela já havia comido lama demais na vida.

Quando, alguns meses depois, disseram-lhe na aldeia que Abberkam viria morar nos pântanos como recluso, como crialmas, ela ficou surpresa e por um momento se envergonhou de ter presumido que o discurso dele era só retórica vazia. Seria ele então um homem religioso? Depois de todo o luxo, das orgias, dos roubos, da sede de poder, dos assassinatos? Não! Como tinha perdido o dinheiro e o poder, queria se manter em evidência fazendo espetáculo da própria pobreza e da devoção. Era totalmente desprovido de vergonha. Ela se surpreendeu com a amargura da própria indignação. Na primeira vez que o viu, teve vontade de cuspir nos pés grandes,

de dedos grossos, calçando sandálias, que fora tudo o que enxergou dele; recusou-se a olhar-lhe o rosto.

Mas então, no inverno, ela ouvira os uivos lá fora nos pântanos, à noite, no vento gelado. Tikuli e Gubu chegaram a levantar as orelhas, mas não se assustaram com aquele som horrível. Isso a levou, depois de um momento, a reconhecer que era uma voz humana, um homem gritando alto — bêbado? Louco? —, uivando, suplicando, de modo que ela se levantou para ir até ele, apesar do medo; mas ele não estava clamando por ajuda humana. “Senhor, meu Senhor, Kamyel!”, gritava ele, e ao olhar para fora ela o viu na passarela, uma sombra contra as nuvens pálidas da noite, andando aos trancos, puxando os cabelos e gritando como um animal, como uma alma em sofrimento.

Depois daquela noite, ela não o julgou mais. Eram iguais. Quando o encontrou novamente, ela o olhou no rosto e falou com ele, obrigando-o a responder.

Isso não acontecia com frequência; ele vivia em verdadeiro isolamento. Ninguém atravessava os pântanos para visitá-lo. O povo da aldeia muitas vezes enriquecia a própria alma dando comida a ela, sobras, excedentes da colheita, às vezes, nos dias santos, um prato preparado especialmente para ela; mas nunca tinha visto ninguém levar nada à casa de Abberkam. Talvez tivessem oferecido, e ele fosse orgulhoso demais para aceitar. Talvez tivessem medo de oferecer.

Ela revirava o canteiro de raízes com a miserável pazinha de cabo curto que Em Dewi lhe dera, pensando em Abberkam uivando, e no jeito como ele tossira. Safnan quase morrera de berlot quando tinha quatro anos. Yoss ouvira aquela tosse terrível por semanas. Teria Abberkam ido à aldeia buscar remédio, no outro dia? Havia chegado lá, ou voltado no meio do caminho?

Ela vestiu o xale, pois o vento tornara a esfriar, o outono avançava. Subiu para a passarela e tomou o caminho da direita.